Deus da Carnificina e a metanoia familiar

Marfiza T. Ramalho Reis

*O mito é o nada que é tudo.
mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo-
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo¹.*

Fernando Pessoa.

O filme “Deus da carnificina”, (*Carnage* - 2011), de Roman Polanski, baseado na peça teatral homônima de Yasmina Reza, nos mostra o encontro de dois casais. Reunião essa, que acontece numa sala de estar, devido ao conflito entre seus filhos adolescentes. O casal Michael Longstreet (John Reilly) e Penelope Longstreet (Jodie Foster) mostram-se pessoas simples. Ela, uma mulher interessada na ordem e na boa convivência, demonstra em seus diálogos ser orientada por rígidos padrões morais. Trabalha com livros de arte numa livraria e escreveu um livro sobre as questões da África. Eles têm uma filha e um filho, o *Etan*.

Ele, com a imagem do homem gentil e afetuoso, trabalha como fornecedor de utilidades e vende ferragens. Eles convidam à sua casa os pais do agressor do seu filho, interessados em harmonizar as relações.

O casal Nancy Cowan (Kate Winslet) e Alan Cowan (Christoph Waltz) aceitam o convite, porém, visivelmente entediados com o encontro, à principio, concordam com todas as boas intenções do casal Longstreet. Nancy é uma mulher elegante e bem comportada, no entanto, aos poucos vai se irritando com a inadequação do marido Alan, o qual, interrompe a conversa varias vezes para falar ao celular com pessoas do seu trabalho. Conectado ao trabalho, afirma, algumas vezes, estar ali por pressão da mulher. Alan é um advogado capitalista, cínico e nihilista. Tem um filho de um casamento anterior e são pais do *Zachary*.

Refletimos sobre esse filme como um retrato da nossa natureza humana na dinâmica familiar em sua adolescência - um tempo de metanoia.

¹ PESSOA,F. Ulisses. Obra Poética. V.I Nova Fronteira. Rio de Janeiro 2016.

O encontro dos pais começa com as formalidades, que muitas vezes apontam para uma persona de civilidade hipócrita. No entanto, os diálogos e os símbolos são muito bem colocados e não há nada gratuito; são personagens por nós muito conhecidos, e ao assistir vamos nos identificando com essas figuras fora e dentro de nós. O cinema nos encanta exatamente por isso, somos tocados em algum lugar interno. Talvez seja uma das formas de arte mais universal mostrando nossas fantasias, amores, medos e a ficção científica. As histórias humanas sempre se repetem, sob diversas interpretações, relatadas nos mais diversos mitos.

O “Deus da Carnificina” é uma película que configura-se como um bom representante da adolescência da família. Da busca do “Quem somos nós?” Observamos imagens do filme que evidenciam símbolos muito expressivos, dando mais sentido à essa trama que levou Polansky a ser premiado com o pequeno Leão de Ouro em Veneza. Nas palavras do Joseph Campbell (1997, p.257) “os símbolos são metáforas reveladoras do destino do homem, bem como de sua esperança, fé e obscuro mistério”

Vivências familiares arquetípicas

Percebemos esse filme como um drama, metáfora do sistema familiar quando a crise da adolescência, a da meia-idade e a da conjugalidade se encontram (REIS,1993). É a família em sua adolescência.

Deus da Carnificina, simbolicamente, todos nós sabemos o que acontece quando esse deus constela em nós. Surgem crises, conflitos, realização de sombras mas também, se não negarmos o abalo provocado, a possibilidade de transformação. Um tempo em que, ou esse deus nos possui, e paralisamos, ou, acontece uma metanoia familiar – uma metamorfose. Os deuses são considerados como personificações simbólicas da nossa natureza, do movimento da vida.

Intentando compreender a relação vital da dimensão interna e externa surge o símbolo, neste caso, a imagem arquetípica do deus da medicina – Asclépio ou Esculápio para os latinos. (OVIDIO. 2017)

Em Epidauro, na Grécia, a “cidade médica” de Asclépio, herói-deus (sec. XIII a. C.), só era possível obter total êxito no tratamento quando primeiro se curava a mente, ou seja,

só existia cura quando havia metanoia, que significa conversão, inversão total dos valores, transformação de sentimentos. O método terapêutico usado em Epidauro era essencialmente espiritual; daí a importância atribuída à *nooterapia*, que purifica e reforma psíquica e fisicamente o homem inteiro. Procurava-se a todo custo, através do *gnôthi s' autôn* (conhece-te a ti mesmo), que o homem acordasse para sua identidade real.

O casal divino -Zeus e Hera- representam o arquétipo da conjugalidade nos mitos gregos. Inúmeras dificuldades esse casamento enfrenta! Se até os deuses! Com isso quero dizer que casamento ou família ideal não existe! Nem no Olimpo! Aliás, a carnificina começa no Olimpo, Zeus era um garanhão. Podemos imaginar que Dante, em a “Divina comedia” o colocaria no nono ciclo do inferno, onde estão os traidores.

No texto “Casamento e a eterna busca de individualidade” (REIS, 2017) citamos esse filme tentando mostrar como o casamento e individualidade têm constituído um tema conflitante nas relações conjugais desde a formação da família. A antiguidade dessa questão está relatada nos mitos bíblicos, gregos, egípcios, assírio – babilônicos, no livro chinês *Tao Te Ching*, no *Zohar*- obra cabalística do século XIII, e outras obras anteriores. Esses mitos falam dos conflitos: Masculino-Feminino, dependência-independência, ativo-passivo nas relações homem-mulher. O filme “Deus da carnificina”, no encontro entre dois casais, nos apresenta como uma boa expressão dessas polaridades.

Adolescência da família

Neste texto não estamos interessados em patologias, preferimos pensar uma família saudável como aquela que lida com problemas e dificuldades. A reflexão sobre a família em seu estágio adolescente é, antes de tudo, a necessidade de compreender o sentido das crises e conflitos nesse período que, assim como os mitos, lidam com a transformação da consciência.

Adolescência e meia-idade são dois momentos de transformação que nos remetem a uma busca de identidade, decorrente de uma necessidade vital interna e de uma inexorável força externa. Nestes momentos constela em nós o arquétipo do herói, ou seja, nosso potencial de luta e força, com toda a sua pujança, caso contrário, ocorrerá paralisia no processo de individuação.

Adolescência é um tempo das mudanças fisiológicas e da revolução emocional que afeta a autoimagem do jovem. É uma fase normal, criativa e tumultuada no ciclo da vida familiar. As demandas e expectativas dos adolescentes desequilibram os padrões familiares, quando eles questionam e desafiam os valores da família. A adolescência provoca mudanças tão significativas na identidade, experiência e estrutura da família que o tempo e o espaço doméstico se alteram, assim como o aspecto, cheiro e sons.

Adolescência se expressa na vivência de movimentos inconstantes e perplexidades; mudanças inicialmente despercebidas tomam proporções maiores, causando estranheza e descobertas que podem levar a períodos de grande alegria ou de inconsolável tristeza. Muito erotismo e paixão pelo novo se alternam com a pouca autoestima decorrente das perdas e reflexões sobre o seu lugar no mundo. “Quem sou eu?”

Os adolescentes começam a explorar o mundo testando sua independência, como uma necessidade tão grande quanto o desejo de proteção. O conflito dependência-independência desafia a família; sendo então o momento de renegociar as relações entre seus membros.

Modular os limites da família e a autoridade dos pais é uma tarefa complexa, mas dela depende o processo de diferenciação e separação, pois, em termos do ciclo familiar, adolescência é um período importante de formação da identidade. Desse modo, pela primeira vez o desenvolvimento físico, cognitivo e expectativas sociais coincidem com a capacidade do jovem rever identificações infantis e prever seu futuro. Uma nova identidade começa a se cristalizar, espelhando desejos, esperanças e temores dos pais que, nesta fase, são provocados a reviverem seus próprios conflitos de separação não resolvidos.

A adolescência, como percebemos, caracteriza-se por um período de transição a um estado adulto de desenvolvimento. A habilidade do adolescente para expressar suas emoções e diferenciar-se, depende, essencialmente, da forma como ele apreende as expectativas familiares e sociais.

No filme, a trama acontece num mesmo cenário, numa sala de estar em que dois casais se encontram numa tentativa de resolver a briga de seus filhos adolescentes. Um apartamento de classe média em que há um piano aberto, estante com livros de arte e quadros na parede sugerindo moradores interessados em cultura, portanto, mais conscienciosos e sensíveis.

As tulipas numa bela jarra à mesa representam as boas intenções dos Longstreet, pois tulipas sempre simbolizaram o amor verdadeiro e, por serem as primeiras flores a nascer na primavera, simbolizam também o renascimento.

O encontro inicia-se com a Penelope digitando uma declaração do ocorrido com os filhos, porém, sem esclarecer a razão de tal ato.

A conversa, aparentemente amigável parece que não satisfaz, pois o casal Cowan tenta ir embora mas esta continua com eles parados à porta. Esse vai e não vai acontece em três tempos. Percebemos como se fosse em três atos, vestígio da peça teatral.

A porta e portões são lugares de atravessar, estruturas que tornam possível o rito de passagem, onde entrada significa iniciação. Hercules lutou com Hades nos portões do mundo das trevas que é a décima primeira tarefa, a catábase – “a descida” que representa o supremo rito iniciático. Os portões tornam possível a perspectiva do mundo das trevas.

Hillman em *Os sonhos e o mundo das trevas*, interpretando os símbolos portas e portões como lugares de atravessar, diz: “Fronteiras são um lugar para o intercambio aberto para o *Trickster*, o dançarino e o Arlequim, entretanto para Hercules é uma luta suada mover-se para dentro e para fora” (HILLMAN, 2013, p.255). Isto significa que precisamos do nosso herói interno para lidar com essas duas dimensões, interna e externa. Especialmente na adolescência e na meia-idade. Precisamos estar bem nutridos de corpo e alma.

A sombra familiar

Num primeiro ato, o foco é nos filhos, com os casais discutindo como poderiam lidar com a questão dos jovens. A conversa flui de modo civilizado apesar do incomodo visível em Alan e na Penelope. O conflito surge quando à saída à espera do elevador, Nancy lembra e critica a atitude do Michael por ter jogado o hamster, de sua filha, na rua. Ele havia dito não suportar aquele animal em casa. É interessante observarmos que hamster é um símbolo ctônico, e na mitologia grega refere-se aos deuses ou espíritos do mundo subterrâneo, por oposição às divindades olímpicas. Na *Iliada*, Apolo é evocado com o nome de *Esminteu*, do gr. *Sminthos* (rato). Deus rato que envia a doença (a peste) e que as cura.

Num segundo tempo após o vai e não vai na soleira da porta como uma representação de conflitos ou de algo ainda não digerido surge o convite do Michael para entrarem novamente e comerem um bolo. O tema agora gira em torno do papel deles como pais, como modelos, assim como a responsabilidade nesse conflito, porém, não mais tão civilizados.

Jung, em sua obra, nos mostra como a vida não vivida dos pais aparece no comportamento dos filhos. Isto significa que, aquilo não desenvolvido em suas próprias vidas se manifesta na vida dos filhos - consciente ou inconscientemente. Segundo Jung, quando uma situação interna não vem ao consciente, ela acontece do lado de fora, sob a forma de destino. Aparece na vida de nossos filhos e de nossos netos.

Alan aceita o bolo de maçã oferecido, dizendo “Estive tão ocupado que não tive tempo para almoçar”. E lá continua trabalhando quando atende o celular varias vezes sem a menor consideração com os demais. Vemos um homem tão focado no “fazer” e pouco se importando com o “ser”; com o mundo interno. Mostra um desprezo a tudo e todos. No entanto, parece que eles queriam se nutrir daquela situação. Uma situação conflitiva fica visível todo o tempo, como uma pressão da sombra buscando realização. Conversam sobre o alimento, vem a lembrança da mãe e Michael diz ser receita da sua mãe, e Penelope confia; “Copiei da sua mãe mas essa é melhorada, coloquei maçã e pera e se não tem crosta por baixo, não é torta”. Os pais, Alan e Michael, relativizam o conflito dos adolescentes e relembram do tempo deles na juventude.

Zweig & Wolf (2000) em “O jogo das sombras” falam em pecados intergeracionais, como sendo a manutenção dos padrões destrutivos inconscientes. Esses padrões, segundo eles, nos mantêm aprisionados dentro da sombra familiar. Esses pecados podem ser transmitidos como uma predisposição bioquímica, como a síndrome do álcool no feto, a depressão endógena, ou a esquizofrenia. É interessante a raiz etimológica da palavra pecado - vem do latim *peccatus*, “pisar em falso, tropeçar”, é errar o alvo, inibir o desenvolvimento, regredir ao invés de expandir-se. Enquanto análise - vem do grego *analyein*, “soltar, afrouxar”; *ana* “através” mais *lysis* “afrouxamento”. É a ideia de que sem rigidez, aceitando os nossos troços, podemos compreender os “pecados”, e assim, a sombra não será tão impenetrável.

O Alan sugere deixar que os jovens resolvam por eles mesmos, sugestão não aceita pelas mães. O conflito surgido parece ter sido absorvido por cada um, de maneira distinta. A psique precisa ser alimentada e acontece à maneira peculiar dos indivíduos.

Hillman (2013) refere-se a um certo descaso que fazemos com a comida e o comer na análise dos sonhos. Segundo ele, perceber como o processo de alimentação está ocorrendo podemos aprender “o que, e com o que” o ego onírico se alimenta. “sonhos com comida precisam ser expandidos para além de tais noções tão simples como fase oral e gratificação de desejos.” (p.245) ...“aquilo que comemos nos sonhos, não é comida mas imagens.. ..em nossos sonhos comer é um momento de transubstanciação, onde o que é apenas natural, torna-se também metafórico” (p.247)

Alan parece não conseguir se nutrir, mais preocupado em resolver as questões do trabalho que consistia em defender a eficácia do medicamento Enril; um anti-hipertensivo com sérios efeitos colaterais. Uma de suas falas é: “Eles, indústria farmacêutica, sabiam dos riscos há mais de dois anos.” E, o conselho que dá como advogado é para negar a ineficácia da droga. -“Se você retirar do mercado vai admitir a responsabilidade”. Ou seja, nenhuma compaixão com o outro, nesse caso, os doentes.

O telefone, como símbolo da personificação do caráter intrusivo e compulsivo é um objeto presente todo o tempo. Ficando claro o seu trabalho em negar a ineficiência de um medicamento

A discussão parece evoluir quando eles questionam o lugar deles como pais, suas responsabilidades no comportamento dos filhos e a dúvida se devem interferir ou não no relacionamento dos jovens. Questionar torna-se necessário para o confronto com a sombra, pois o nosso instinto de individuação pressiona para a realização de sombras.

Manifesta-se então, a impotência enquanto pais: Os filhos, já com suas “asas” mais fortes, deixam-nos orgulhosos. Sentimo-nos responsáveis, mas como é incômodo ver que eles podem alçar voo, escolhendo direção e altura! O adolescente inflado – *hybris* - que, como um herói, parte para suas aventuras e desafios e diz: “Não se preocupem comigo, sou cabeça feita”.

Tememos o destino de Ícaro para nossos filhos. Ícaro é o símbolo da desmedida – ultrapassagem do *métron* - o jovem insensato que vai além de si mesmo e se destrói, assim como Faetonte.

Ícaro, na Grécia antiga, ao receber as asas feitas por Dédalo, seu pai, para que ambos pudessem escapar do labirinto de Creta, não atendeu à recomendação: “Voe moderadamente. Não voe muito alto, senão o sol derreterá a cera das suas asas e você cairá. Não voe muito baixo, senão as ondas do mar o apanharão”. Dédalo voou moderadamente, mas viu o filho em êxtase voando alto e depois caindo no mar, pois a cera derreteria.

Faetonte, ao atingir a adolescência soube ser filho do deus Hélios, o Sol e, na ânsia de conhecer o pai conseguiu escalar as árduas encostas e chegar até ele. O deus lhe diz: “ Tu és meu filho e para que não duvides, pede-me o que quiser”. Faetonte, sem hesitar pediu-lhe para reger, por um dia, o carro do Sol. O pai arrependido, mas sem poder voltar atrás sua palavra, ungiu o filho com um unguento sagrado e fez-lhe as devidas recomendações: não corras rasteiro à terra, nem levantes vôo até o céu. Voar no meio e correrás seguro! No entanto, Faetonte, assim como Ícaro ainda não possuíam *a gnôthi s' autôn* (conhece-te a ti mesmo) da *nooterapia* de Asclépio, e por isso colocam-se em risco.

Na adolescência, surge o herói patriarcal inserindo lei, justiça, coerência e dever, trazendo força para a saída do mundo parental, a morte simbólica dos pais.

Na meia-idade constela-se o herói da alteridade, inserindo respeito para com o outro, de forma a aceitar diferenças individuais; consciência dos aspectos sombrios da personalidade; força para o “contar comigo”; consciência do caminho de volta; sentido da vida e da morte; a finitude. “Haja herói!”

O mito do herói parece ser uma projeção da “novela familiar”, lutas e tentativas para libertar-se dos seus genitores. O objetivo do herói mitológico é sempre superar grandes obstáculos, arriscando até mesmo a própria vida, para encontrar o tesouro, a princesa, a glória. Muitas vezes a luta é com multidões pela mão da mulher amada, como na Guerra de Tróia, que foi provocada pelos atos heroicos dos apaixonados por Helena. Psicologicamente é encontrar os verdadeiros sentimentos, o próprio potencial.

Manter-se no caminho da individuação é um ato heroico, uma vez que é impossível completar o ciclo vital sem uma descida “real” ou simbólica ao mundo das sombras – vivência de conflitos.

Tanto em nível pessoal como familiar, nossos atos refletem cada etapa do desenvolvimento, despertando nosso caráter e permitindo que saibamos mais a nosso respeito.

O contínuo conflito para os pais é como proteger adequadamente os filhos e, ao mesmo tempo, encorajá-los rumo à independência. A proteção torna-se, muitas vezes, um impedimento para o crescimento; a família não quer perder suas crianças, e os adolescentes também não querem abrir mão da proteção e segurança da casa dos pais. São momentos críticos da metanoia familiar. Enchemo-nos de coragem e evocamos o deus-herói, para confrontar e suportar a passagem, ou nos acovardamos e ficamos à mercê das intempéries da vida. Esse também é um drama arquetípico – ceder ou não a demanda do jovem, o que os pais, muitas vezes, desconfiam que pode desandar para a desmedida à exemplo de Icaro e Faetonte.

A imagem que surge é de uma dança, “jogo de cintura” como a arte de lidar com conflitos e crises. Ansiamos nos movimentarmos pela vida de forma espontânea, expressando sentimentos e estados afetivos e a possibilidade de vivenciar as transformações que ocorrem a cada momento.

Mindell (1984) diz que “dança é comunicação com o Si-mesmo e, na linguagem de Don Juan, personagem de Castañeda, “poder pessoal”. Falar em “dança familiar” é pensar a família como um sistema relacional que vai além do indivíduo; um sistema em constante transformação para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial dos seus membros.

Compor a coreografia da família em sua adolescência é uma tarefa difícil e complexa. O som do *Hard Rock* ou o *Funk* dos filhos adolescentes e a *Classic Music*, dos pais, formam o que chamamos de “dança metanoica”, em que muitas vezes perdemos o ritmo. É o conflito familiar que surge quando um membro, no seu papel familiar, deixa de complementar o outro membro da família, no seu papel familiar.

A crise da meia-idade

Jung, em toda sua obra, nos mostra como o Si-mesmo expressa-se cumprindo o que é específico em cada um de nós, ou seja, leva-nos à vivências às quais percebemos como muito semelhantes às dos adolescentes - a busca da ampliação de consciência. Jung dedicou-se mais profundamente à personalidade do adulto, deu ênfase à metanoia, que em sua psicologia corresponde ao período intermediário da primeira para a segunda metade da vida. Situa-se em torno dos quarenta anos, quando conquistas externas, tais como estudos, trabalho, realização

profissional, casa e família convertem-se em vivência interna. É a busca da consciência do lugar interno de cada uma dessas conquistas; a crise da meia-idade. Segundo Jung, depressões e dificuldades neuróticas acontecem aí por volta dos quarenta, uma espécie de mudança lenta no caráter da pessoa; às vezes traços despercebidos desde a infância vêm à tona.

Na visão da Psicologia Analítica, esta é a oportunidade de discordarmos de nós mesmos: descobriremos quem somos, em oposição a quem pensamos que somos. O conflito é o preço a ser pago pelo crescimento, e, suportar a tensão dos opostos é o que possibilita a ampliação da consciência rumo à individuação.

Aos quarenta descobrimos que não somos tão poderosos e guerreiros como antes, pois a consciência de finitude traz a importância e a valorização do “aqui-agora”, não havendo então, algo que seja absolutamente importante, mas o meio da vida é um tempo da suma importância psicológica. É o tempo da descida, e talvez o sol não volte a brilhar tanto quanto agora ao meio dia, mas pode ser mais confortável e prazeroso ao entardecer. É o tempo da virada, do sol que aquece, mas às vezes queima, especialmente para os que pretendiam continuar na calma e frescura das manhãs. Agora é preciso cuidado, sensibilidade, senão as queimaduras podem ser profundas. O sol brilha intensamente para quem pode ver e sentir seus raios, mas isto só é possível com a consciência de que daqui a pouco começará a descer no firmamento. Surge o confronto com o espelho, as rugas, os cabelos brancos, mas também a força interior e suavidade - o Si-mesmo. “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

A conjugalidade em busca do relacionamento pessoal

No meio da vida, pais de adolescentes, o casal deve se perguntar: “Porque este foi escolhido?”.

Whitaker (NELL & KNISKERN, 1990) afirma que a escolha do companheiro é infinitamente precisa, inclusive nos relacionamentos doentes, é de inconsciente a inconsciente. Temos menos liberdade de escolha do que pensamos e, consoante Jung, o homem carrega dentro de si a imagem de uma determinada mulher, assim como a mulher carrega dentro de si uma imagem inata do homem. É uma hereditariedade inconsciente, proveniente de eras remotíssimas: os arquétipos.

“Quem sou eu e quem é ele?” É a única saída para que surja um relacionamento pessoal: a metanoia conjugal. Esta crise parece estar ligada também à passagem da paixão para o amor, ou seja, o dependurar das projeções, que só acontece através de uma série de “provas”, as quais impomos a nós mesmos, ao cônjuge e a todos os membros da família. Se a passagem não resultar no amor, no significado da nossa realidade cotidiana, surgirá a desistência, abandono ou a petrificação das relações.

Até a adolescência dos filhos, a família mantém sua homeostase, ou seja, um equilíbrio organizacional, um nível estável de funcionamento. A programação é feita pelos pais. Que alívio dormir sabendo onde estão os filhos! É a posse da paixão, a “fantasia da saciedade”, obter o máximo possível, porque já sabemos que o momento da renúncia virá. Uma das grandes provas é o “ir e vir”. “Será que vivemos um sem o outro?”. Parece tempo de morrer e renascer, tanto na adolescência como na meia-idade, quando experimentamos as fronteiras do possível, que traz revelações e decepções. Ao jovem é permitido ir e vir, separar-se da família, buscar sua profissão, seu caminho. Aos quarenta, cinquenta... o caminho está traçado, pelo menos parece, deveres e obrigações pesam nos ombros.

A identificação com a persona e com um papel social é motivo de muitas crises, especialmente na meia-idade, porque impede a adaptação requerida no processo de individuação. A espontaneidade fica comprometida frente ao receio de se comportarem como adolescentes.

Na relação conjugal é o momento em que a presença do (a) parceiro (a) anuncia-se com mais força. As viagens heroicas dos filhos adolescentes permitem esse espaço e o risco de se colocar nas mãos do outro. Desejamos e evitamos. Surpresas e perplexidades consigo mesmo são também vividas no outro, causando estranheza. Afastamos, inflamamos e questionamos: “Será que preciso tanto dele (a) quanto pensava?” O afastamento traz o desejo de um novo recomeço, impondo-se a pessoa amada como objeto autêntico de Eros, ou não.

Certo grau de conflito de gerações é necessário, para que o crescimento ocorra. Se o conflito das relações familiares será benigno, dependerá das forças, inatas ou reativas, que predisponham ao crescimento. A dança metanoica realizar-se-á, e o relacionamento pessoal será alcançado através da consciência de que a própria realização também depende dos parceiros nos bailes da vida. Mas não podemos esquecer que só bem pouquíssimas pessoas são artistas da vida, e que a arte de viver é a mais sublime e a mais rara de todas as artes.

No filme, como que num terceiro tempo, a persona se desfaz e a sombra conjugal e de cada um se faz presente. Alan diz: –“Nancy você fica, eu tenho que ir, sou um inútil aqui. As mulheres sempre pensam que precisam dos homens como se fosse adiantar.”

Mais uma vez a porta e a vivencia do conflito, tentam ir embora e ouvimos ao fundo latidas de um cachorro. Indício de que a divisão interna já não era tão espessa. “a primeira função mítica do cão, universalmente atestada, é a de psicopompo; guia do homem na noite da morte.

Após um tempo na soleira eles entram mais uma vez atendendo o convite para um café. Os livros de arte se destacam chamando a atenção de Nancy que com certa ironia diz a Penelope - “Vejo que é entusiasta de arte. Bacon, crueldade e esplendor”!

Em nossa cultura queremos sempre o racional, a lógica mas só as artes nos tiram desse lugar do pensamento e da explicação. As artes nos levam ao lugar da sensibilidade e da intuição ampliando nossas experiências. A dimensão estética nos inquieta e nos leva ao sentir, e, assim, a nos interrogar: “Quem sou eu?” Ampliamos nossas experiências por meio de todas as artes.

À medida que a conversa vai se desenrolando as querelas conjugais aparecem e as normas da boa educação e civilidade vão se esvaindo e, eles perdendo o controle da situação. A persona, a mascara assumida ate então não conseguiu segurar a sombra. É interessante assistirmos como, nesse drama psicológico, com ofensas grotescas, nenhum deles escapa à expressão do seu lado sombrio. Homens e mulheres exibindo suas polaridades ativo-passivo, bonito-feio, luz e sombra.

O mundo interno deles sendo explorado à carnificina, a ponto da elegante senhora Cowan vomitar encima da mesa de centro e simbolicamente num livro de arte. O vomito aponta para o excesso associado a tumultuosa expulsão afetiva das profundezas, evoca material que não dá mais pra ser contido. Os aspectos sombrios querem a luz. O vomito é também associado às energias do processo iniciático de transformação. Rituais de purificação e cura induzem o vomito para limpar toxinas físicas e psíquicas, sendo, portanto, simbolicamente relacionado com as energias do processo iniciático. Em seguida à essa cena o anfitrião Michael fala: “É como eu sempre digo, não se pode controlar sob pressão”. Jung (1997, & 562) diz: “Pudéssemos ver nossas sombras, estaríamos imunizados contra qualquer infecção e qualquer infiltração moral e religiosa.” A Penelope quer saber se conseguiu salvar

o livro do Kokoschka, Oskar Kokoschka. (1886-1980 - artista expressionista, poeta e dramaturgo austríaco) por ser um livro raro. Não sei de quem ouvi “a arte é a sofisticação do humano”. E, como diziam os alquimistas: “a meta é a arte”.

Surge então uma movimentação para ida ao banheiro, Alan e Nancy para se limparem. Michel e Penelope preocupados com o odor, procuram uma loção para aliviar a atmosfera. O banheiro representante do local de limpeza e de intimidade, o que parece uma necessidade de todos.

Em busca do alívio das tensões o anfitrião oferece whisky. O álcool ajuda a arrefecer as corações e deriva da união dos elementos contrários, a água e o fogo. Como elementos transformadores, o álcool é a água de fogo, a água que arde, e que inflama com a menor faísca. Numa antiga taça grega de vinho, no fundo aparecia a imagem de um jovem vomitando, à medida que iam bebendo. Era um alerta sobre os riscos dos excessos.

Assim que a garrafa de whisky é oferecida eles se agarram a ela numa atitude em que parece demonstrar não haver nenhum desejo de controle das emoções. Nesse momento, protagonistas e antagonistas se misturam, e, nós na plateia temos também a oportunidade de vivenciar nossa sombra, possibilidades que se descortinam - “imagem espelhada”. Até rimos da situação.

A briga agora é entre os casais, alianças vão se formando e não conseguem mais segurar suas energias sombrias de agressividade além do verbal. As máscaras caem e as feridas de cada um ficam expostas sem piedade. Penelope atira a bolsa da Nancy no chão e os símbolos da mulher vaidosa e da beleza se espalham. Será resultado da inveja? Uma representando aspectos sombrios da outra?

Nancy exasperada atira o telefone dentro da jarra d’água em que estava a Tulipa. Agora, o símbolo do amor e do intrusivo compulsivo se juntam. Alan sem o seu “brinquedinho” desce da sua arrogância, senta-se no chão numa postura submissa e então, uma relação empática entre os homens se estabelece. A agressividade feminina coloca-o num lugar submisso e regredido.

Constela o deus da Carnificina, deus *Marte* (gr.) – deus da guerra, filho de Zeus - o deus dos deuses- e Hera - divindade protetora do casamento. Esses pais não foram modelos de felicidade e harmonia, eles aprontavam, traíam, vingavam e enganavam para obter o que desejavam com sua natureza dupla.

Éris –é uma deusa representante da discórdia, disputa e rivalidade. É sempre representada como um gênio feminino alado, semelhante às Erínias e à Iris. Foi Eris quem lançou o “Pomo da discórdia” destinado à mais bela das deusas presentes nas núpcias de Tétis e Peleu provocando a guerra de Troia. O seu oposto é a Harmonia.

Percebemos entre os dois casais que as polaridades foram consteladas, deuses e deusas ativados provocando a desmedida – *Hybris* – e flexas sendo atiradas!

Como sabemos por experiência analítica, a retirada de projeções gera um tempo de crises tanto na adolescência como na meia-idade. Um dos mais antigos simbolismos da projeção é aquele do projétil, ou melhor, da flecha ou disparo mágico que prejudica os homens. Na Mitologia, são especialmente Apolo e Ártemis que, com suas flechas, enviam a morte e a doença. Entretanto elas não só podem causar doença e morte, mas também a comoção repentina da paixão amorosa como a que provém das setas do deus *Eros*. Na mitologia hindu, o deus do amor, *Kama*, aparece armado de arco e flecha, e Buda designa o desejo avido como flecha. A palavra “projeção” vem do vocábulo latino *pro + jacere*, “atirar à frente”. Amamos no outro o que não reconhecemos em nós, mas também odiamos no outro o que não admitimos possuir. Assim, surgem as grandes paixões e ódios, pois a realidade do outro fica mascarada, obscurecida. A projeção evoca uma reação física e psíquica que inunda a consciência com conteúdos inconscientes.

Jung ressalta em seu ensaio *Casamento como Relacionamento Psicológico*:

Raramente ou nunca, um casamento torna-se uma relação individual suavemente sem crises. Não há nascimento da consciência sem dor. A desunião consigo mesmo gera descontentamento e, uma vez que a pessoa não está ciente do verdadeiro estado de coisas, projeta em geral as razões dessa insatisfação no parceiro. Cria-se assim uma atmosfera de críticas, que é o prelúdio necessário à percepção no plano consciente. (JUNG,1981. §. 331)

Casamento é uma relação que arrasta o deus *Eros*. Para Platão /Sócrates, (1983) o amor é feito do encontro com a beleza. A beleza tem a ver com os deuses, ou seja, o amor diante de nós. No entanto, a busca é dentro de si mesmo. O amor está em quem ama.

Eros, o deus do amor, tem várias genealogias. Em Hesíodo, nasceu do Caos. *Nix* põe um ovo em que nasce *Eros*. Em Platão, no Banquete, *Eros* é filho de *Poros* (astúcia) e *Pênia* (pobreza). Ele foi concebido no jardim dos deuses em que celebravam o nascimento de Afrodite. Desse modo ele é um *Daimon*, um intermediário entre nós e os deuses. É um deus alado, ser híbrido de imortalidade e mortalidade, como os heróis gregos, nascidos de um deus

e uma humana. Amor como uma força astuta e carente, sempre buscando preencher um vazio. Tanto para Platão como para Jung nós já nascemos com uma espécie de modelo que nos ajuda a compreender uma certa arqueologia da alma.

Com diferentes constelações heroicas e categorias vivenciais distintas, mas igualmente transformadoras, assim são as fases da adolescência e da meia-idade. Quando essas experiências individuais, esses momentos críticos, são vivenciados por todos os membros da família, instala-se a metanoia familiar. No entanto, a música tocada requer a dança de todos, transformando e tentando acertar o passo e o ritmo, a fim de manter a família como unidade, de forma a assegurar o desenvolvimento e a diferenciação dos seus membros. Tal processo exige da família fases de desorganização, porque a mudança para um novo estágio provoca rompimento do equilíbrio do estágio anterior. São crises marcadas por confusões, incertezas e instabilidades, na busca de um novo equilíbrio funcional.

Essa metanoia refere-se às famílias “sadias”, àquelas que não fracassaram nas suas funções familiares essenciais, como reciprocidade de relações entre os papéis familiares, promovendo vias de solução para o conflito. As referidas crises só acontecem quando a família é capaz de suportar e aceitar o caminho da individuação dos seus membros, visto que, o funcionamento do sistema familiar é dependente dos papéis exercidos por cada membro. A rigidez impede a interação e os afetos congelam. A “dança metanoica familiar” exige o movimento de todos.

Voltando ao filme, após os desabafos e tulipas pelos os ares, aparentemente apaziguados decidem ir embora. Parece que agora podem sair, algo mudou, pois o telefone toca, o hamster está vivo e a cena final é dos adolescentes na praça brincando novamente.

Alcançar essa “dança metanoica familiar”, ou seja, vivenciar a adolescência da família, não é tarefa fácil, pois significa suportar crises. Os que evitam tais conflitos, temendo sofrer, com certeza não escaparão. Se não puderem viver em família, em nível da alteridade, a rendição será solitária. É o arquétipo do Si-mesmo buscando a realização, a integridade da vida, bem como se impondo, a despeito dos nossos medos. É um processo de contínuo desenvolvimento; crescemos e nos transformamos durante todo o decurso da vida. Estamos sempre dançando, buscando uma afinação com a natureza, nossa natureza interior, à espera da intervenção divina. O toque curativo do deus Asclépio simboliza a personificação do Si-

mesmo em sonhos e em outros materiais inconscientes. Somos também tocados nos momentos de iluminação e inspiração, que transformam a consciência.

Referência bibliográfica

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

HILLMAN, J. *O sonho e o mundo das trevas*. Tradução de Gustavo Barcelos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

JUNG, C. G. *Etapas da vida humana*. O. C. v.VII, Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

..... *Casamento como relacionamento psíquico*. O.C. v XVII. Tradução de Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

----- Fundamentos da psicologia analítica. In. *A vida simbólica*. O.C. v. XVIII/I. Tradução de Araceli Elman. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINDELL, A. *Dreambody – The body role in revealing the Self*. London. Melbourne and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1984.

NELL & KNISKERN. *Da psique ao sistema – evolução da terapia de Carl Whitaker*. Tradução de Carlos Arturo Molina-Loza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

OVIDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: 34 Ltda, 2017.

REIS, M. Metanoia familiar – a dança transformadora dos vinte anos. *Junguiana*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. V.11, p.66-73, 1993.

----- Org. *Etapas da família- quando a tela nos espelha*. Curitiba: Appris. 2017.

----- Casamiento y la eterna búsqueda de la individualidad. In SAIZ, L.M. *Psicopatología psicodinâmica simbólico-arquetípica*. Uma perspectiva junguiana de integración em psicopatología y clinica analítica.n.5. Montivideo: Prensa Médica Latinoamericana, 2018.

PLATÃO. *O Banquete*. 2 ed. Coleção Os Pensadores. Tradução José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ZWEIG & WOLF. *O jogo das sombras: iluminando o lado escuro da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.